



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL
DE05582008GR



O Galato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário • Fundador: Padre Américo
Director: Padre João Rosa
Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913

17 de Janeiro de 2009 • Ano LXV • N.º 1692
Preço: € 0,33 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Galato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt
Cont. 500788898 • Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal 1239

Toda a prioridade às crianças

DA última Assembleia Plenária da Conferência Episcopal Portuguesa (12-13 de Novembro de 2008) saiu uma interessante e oportuna Nota Pastoral sobre as crianças: «Toda a prioridade às crianças», assim pode ser resumida a referida nota.

Ela é um alerta de momento, quando se avizinha um ano social e económico difícil. De crise, como o referiram, «alto e bom som», os nossos governantes. A pior contribuição é aquela que vem das estatísticas da taxa de desemprego que não pára de crescer... empresas que fecham, postos de trabalho que desaparecem, famílias que entram em angústia endividadas por empréstimos contraídos... Não é difícil de prever que os grupos humanos mais afectados são as famílias e, nelas os seus membros mais vulneráveis as crianças. Toda a prioridade às crianças!

Nós sabemos que o lugar de excelência para um desenvolvimento equilibrado da pessoa humana é a família: «onde ela falha tudo o mais são remendos» recordava Pai Américo... De facto, quando a família não é competente é aí, precisamente que nós entramos como «agente» supletivo sempre inspirados pelo pensamento de Pai Américo: «todo o regresso

a Nazaré é progresso social cristão». É o apelo à matriz familiar que deve presidir a toda a acção educativa.

Queremos ser, como Instituição da Igreja, um testemunho de caridade e de amor cristão, para com os mais fracos. Os mais fracos, para nós, devem ser as crianças que nos são entregues em situações humanamente dolorosas. Mas não podemos esquecer as famílias de origem. Temos de apontar para um trabalho consertado, de apoio e acolhimento à família

Continua na página 3



PÃO DE VIDA

À lareira

HÁ preocupações, no momento, sobre a recessão económica e social, em que aumentam as carências materiais e a miséria moral, com repercussões no agravamento de conflitos.

O ser humano foi criado para crescer e progredir numa comunidade vital, que é a família; cujas situações concretas vão divergindo do modelo cristão. As dificuldades actuais, da célula da sociedade, são oportunidades para afirmar os valores do encontro conjugal fiel e do respeito pela dignidade da pessoa humana.

As descidas das temperaturas não são, de todo, negativas; pois, propiciam os encontros familiares.

Na verdade, o tempo tem corrido muito frio. Junto aos currais, paredes meias com o ovil, vai sendo empilhada lenha, cortada e traçada no necessário amanhã da quinta.

Na sala de convívio, encontra-se uma arca, rente ao chão, que armazena toros, para uma boa lareira. É o sítio mais procurado, quando o frio é de rachar.

Desde os aídos, a cada passo, pelos átrios, há trânsito de madeira, para acender a fogueira. O meio mais utilizado é o carro de mão; mas, foi suspenso. A porta estava semi-aberta e cedeu com o transporte de um passageiro, que tombou, depois de se acartar lenha para atulhar a caixa.

Logo que a chama é ateada, algumas cadeiras são puxadas para a boca de fogo e os Rapazes são atraídos pelo aquecimento do lume forte, que diariamente se renova. Os tições flamejantes concorrem com o ecrã.

Continua na página 3

MOÇAMBIQUE

O nosso Natal

PARA nós o último Natal foi o melhor de todos. Fizemos todo o possível para afastar a ideia das prendas, que só os mais pequeninos tiveram e as mais simples e baratas. Pelas casas todos se concentraram na construção dos seus presépios e os mais velhos no do refeitório e também, na própria Véspera de Natal, no da Capela. Este requereu estábulos para vitela, ovelha e um burrinho, que durante e Celebração me fez pausas de cinco em cinco minutos, para com o seu zurrar hilariante, nos fazer sentir, que os animais também estavam presentes na chegada do Salvador. Houve uma manjedoura para um Menino verdadeiro, filho do casal Nhambi nossos professores, que esteve lindamente sossegado e mereceu de todos um beijo ver-

dadeiro de pequenos e grandes, que participaram na Eucaristia. O presépio, despido de encantamento mágico, tão tradicional, foi uma catequese oportuna e actualizada, naquilo que é mais fundamental. Deus quis nascer numa família, como todas as crianças que vêm ao mundo, rodeado de carinho e amor. Família que é Sagrada, não pelos atributos sobrenaturais de Maria e José, mas porque é Família, imagem e semelhança de Deus.

O canto final da Missa «como é bom ter uma família, como é bom» foi o encerramento, cantado com emoção e entusiasmo por todos. É evidente que este tema toca fundo no coração dos Rapazes, não só porque não tiveram família que os recebesse ao nascer, mas porque os ajuda a situa-

rem-se no ambiente que conheceram antes de aqui entrar e depois no viver segundo o ensinamento que vem do Presépio. E por isso a nossa Celebração festiva é uma verdadeira Acção de Graças, pelo sentido novo que suas vidas têm ou devem ter, agora.

Por outro lado, o que cada vez faz menos parte do nosso Natal é o que para muita gente é a sua Festa. O comércio tomou conta do nome e cada vez, mesmo nestas terras empobrecidas pela acção do homem, Festa do Natal ou da Família, como é apelidada oficialmente, é sinónimo de fatura de bebida em primeiro lugar, de comida e de mais outras coisas que nem vale a pena mencionar. Há muitas pessoas que evitam sair de casa nesses dias. São muitas as mortes, os acidentes, as extorsões, um role de calamidades como as inundações num lado, as secas noutra; a cólera noutros e a malária em muitos. Até se esquece a propagação da sida. Foi a enterrar no Natal, um rapaz que era seropositivo, tinha contaminado algumas jovens e nem capaz foi de controlar-se na bebida, quando estava a

tomar os remédios. A gente fica a questionar-se porque Jesus não nasce nunca no coração de toda a gente? Não é preciso a imaginação funcionar, para perceber que o silêncio da noite de Natal, significa também o silêncio da noite da mente e coração de muitas pes-

soas. Mais uma vez outro cântico de Natal: «O Cristo já nasceu, na gruta de Belém, mas é preciso ainda, nascer em nós também» formula, ia dizer o direito de Deus. Que não é reconhecido como tal.

Padre José Maria

Padre Américo – Páginas Escolhidas

O facto da distribuição do livro ter começado com o Jornal Público de 23 de Outubro atrasou-o nas estantes dos Livreiros — e daí muitos pedidos dele nos terem chegado. Ainda bem este interesse porque a sua divulgação é exactamente o grande desejo de todos e o objectivo da publicação.

Vimos, pois, comunicar que as belíssimas «Páginas» de Pai Américo já se encontram nas Livrarias (naturalmente naquelas que as requisitaram). E também nós temos livros em Paço de Sousa onde podem ser adquiridos, ou de onde enviados a quem lá dirigir o seu pedido de envio.

Pelas CASAS DO GAIATO

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

JESUS ESTENDEU A MÃO E TOCOU-LHE — Nesta crónica de início de ano queremos começar por desejar a todos os Leitores um Bom Ano de 2009. No dia em que vos escrevemos o Evangelho da Missa é sobre a cura do leproso relatada por S. Lucas. Nesse relato há dois detalhes que nos chamam a atenção. Um deles é quando o evangelista diz o seguinte: «Jesus estendeu a mão e tocou-lhe, dizendo: 'Quero, fica purificado.'» A Jesus que é Deus ter-lhe-ia bastado querer a cura do leproso para que ela acontecesse. No entanto, não fez só isso. Estendeu a Sua mão e tocou-lhe. Com isto quis dizer que é preciso ir até ao contacto com quem precisa de ajuda, com gestos concretos. Não ficar só pela intenção, ou por uma atenção distante. Caros leitores, nós procuramos, ser convosco, estas mãos que vão e que tocam.

No relato desta cura há outro pormenor que nos chama a atenção. É quando o evangelista diz o seguinte: «Ordenou-lhe, então, que a ninguém o dissesse.» A mão que ajuda, inspirada por Deus, não pode ser uma mão que faz gala pública disso para proveito próprio. Já falamos disto em crónica anterior, mas vale sempre a pena lembrar.

O nosso endereço: *Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.*
Américo Mendes

PAÇO DE SOUSA

DESPORTO — 20 de Dezembro, sábado e dia de jogo de futebol, como sempre acontece ao longo do ano. Desta vez, recebemos os Juniores da Académica Amarante Sport Club, da A. F. P.; no fim dos 90 minutos eu nem queria acreditar! Não perdemos, mas também não ganhamos.

Agostinho fez o 1-0; e Rogério, de livre, encarregou-se de fazer o 2-0. Mesmo acabar os primeiros 45 minutos, foi consentido por nós, um gol aos trambolhões. Todos tiveram culpa, menos o guarda-redes que teve que sair dos postes, para tentar tapar um enorme buraco que os defesas ali tinham deixado, ao preferirem ver... a handa a passar e, ao mesmo tempo, a pensarem em tudo menos no que estavam a fazer — *jogar a bola.*

Fomos para as cabines com um resultado magro, se tivermos em conta os imensos golos por nós desperdiçados.

Depois de estarmos a ganhar por 2-0, permitimos o 2-3. Entretanto, falhamos uma grande penalidade. Para ajudar...! E só muito perto do fim, conseguimos, por intermédio de Abílio, restabelecer a igualdade.

Eu sei que o adversário está habituado a estas andanças e sabe muito bem o que faz e o que quer. Sabe, sobretudo, esperar que o adversário

se entusiasme e deite tudo a perder. Foi o que aconteceu. Não tivemos cabeça fria. É pena, porque, afinal, nós também não jogamos futebol, quando o «rei faz anos».

Mais uma vez demonstramos falta de discernimento e de capacidade, para voltar a defender, como se tinha pedido. Assim não vale!

E o mais engraçado, sem graça nenhuma, é que todos têm razão e a culpa tem que morrer solteira. Até o «Pretinho» me deixou de boca aberta... mas reconsiderou. Ele é bom rapaz!

Alberto («Resende»)

SETÚBAL

ESCOLA — Já começou o segundo período. Alguns Rapazes, no primeiro período, tiveram más notas; outros, tiveram boas. Alguns têm de melhorar o seu comportamento nas aulas.

Os Rapazes pensam ter boas notas no segundo período e melhorar o seu comportamento.

Esperamos que eles estudem para passarem de ano, para que o futuro seja bom.

HORTA — O Amândio e o Jarreta estiveram a ajudar os Rapazes a semear batata. Quando estiver pronta para arrancar, iremos apanhá-la e levá-la para a casa da batata, e depois pomos o insecticida.

O «Fernandinho», aqui há dias, esteve a semear a fava. Quando a fava estiver boa, nós apanhamo-la, descascamo-la e depois metemo-la em sacos, e levamos para as câmaras frigoríficas para termos fava durante o ano.

VACARIA — Ao Domingo alguns Rapazes fazem grupos de vacaria. O chefe do grupo faz a ordenha; outros, ajudam a dar de comer às vacas; outro ainda, dá o leite aos vitelos e aos bezerros pequenos.

No fim da ordenha, o chefe mete a máquina a lavar e desinfetar preparando-a para nova ordenha.

Eu sou um dos que dá o leite aos bezerros e ajudo na ordenha. Gosto muito de estar na ordenha porque gosto das vacas.

BICICLETAS — Ao Domingo o chefe das bicicletas dá-as para nós andarmos e nos divertirmos um pouco.

Cada um pega na sua bicicleta e anda. Os que não têm pedem bicicleta emprestada a outro Rapaz.

Até agora não tem havido acidentes, eles têm de ter cuidado quando estão a andar.

Os nossos Rapazes gostam muito de andar de bicicleta e têm pena quando chove, pois não podem andar.

FUTEBOL — O David «Troço» já começou a treinar a equipa da Casa para que, em Março, esteja bem preparada para os jogos do *Torneio Inter-Casas.*

A nossa Casa vai organizar o Torneio, e terá de fazer o Regulamento e arranjar os troféus.

Esperamos que corra bem, que haja desportivismo dos que ganham e dos que perdem, disciplina entre os jogadores e que respeitem os árbitros.

Gonçalo Leite

MIRANDA DO CORVO

AGRO-PECUÁRIA — O Inverno chegou com frio intenso e, também, choveu. Fez-se a poda das videiras e dos kiwis, nas latadas, que ladeiam a horta e o pomar, amarrando as varas com vimes. Do mimoso couval, têm sido colhidas couves para a sopa e o conduto. As alfaces resistiram e vão dando para saladas.

As galinhas poedeiras continuam a produzir alguns ovos, que gostamos. Do ovil, temos notícias: nasceu um cordeirinho, bonito, que não larga a ovelha mãe; mas, outro, recém-nascido, ficou-se. Queremos que o rebanho aumente, pois é uma beleza ver as ovelhas a pastar nos seus domínios.

ANIVERSÁRIOS — Fizemos anos e cantámos os parabéns a mais alguns Rapazes, em Dezembro: a 17, Ricardo (20 anos); a 21, Belizário (14 anos) e Cristiano (16 anos).

FESTA NA PENITENCIÁRIA — A 12 de Dezembro, de manhã, pela mão do Capelão, Padre Germano, deslocámo-nos, na nossa velha carrinha, ao Estabelecimento Prisional de Coimbra, para participar na festa de Natal dos reclusos que estudam. O Professor Paulo e alguns Rapazes — José, Rui, Belizário, Arlindo, Diogo Silva, Joaquim, Igor, Daniel Luís e o Fábio — apresentaram a célebre peça *O Barbeiro*. Parabéns aos pequenos, grandes actores! Os presentes deliraram com a sua actuação. O Padre Manuel deixou a todos uma palavra de esperança.

FESTA DA ESCOLA — A 18 de Dezembro, a nossa Escola do 1.º Ciclo realizou uma festa natalícia, no nosso salão de festas, cheio, que foi decorado a primor. O Padre Manuel apresentou os Rapazes novos e agradeceu o empenho daqueles que não deixaram fechar a nossa Escola, nomeadamente o Professor Paulo e o Município. Fez-se representar com a Presidente e o Vice-presidente da Câmara. Estiveram presentes, também, o Presidente do Agrupamento de Escolas e muitos familiares, para além dos nossos Rapazes. Os Professores Ângela e Mário ensaiaram bem os alunos e alunas, que apresentaram um Auto de Natal e outras peças. Algumas mães também participaram. Seguiu-se uma merenda (jantar) volante. Parabéns pela brilhante festa de Natal!

FÉRIAS — Com a interrupção das actividades lectivas, os Rapazes que estudam em Miranda do Corvo e

Coimbra, regressaram a Casa, todo o dia. Alguns estavam enferrujados do trabalho manual...

Fomos cortar mato, às nossas matas, e carregá-lo no atrelado, para os estábulos do gado. Desgrelámos alguma batata, para semente, no rés-do-chão da casa *Tia Adelina.*

Aproveitámos, também, para limpar os dois jardins, em frente à nossa Capela.

Entretanto, depois do Natal, aqueles que têm alguns parentes, puderam passar alguns dias com eles; e chegaram a 4 de Janeiro. Outros ficaram na nossa Casa, em especial, os mais pequenos, da casa-mãe.

PRESEPIO — Como é tradição, fizemos o nosso Presépio, com figuras que nos vão dando, no átrio coberto, com portão para o largo. Fomos arrancar muito musgo, à nossa floresta, colocámos uma gruta e iluminámo-lo, de forma simples, como Jesus nasceu.

CEIA DE NATAL — Estando a nossa Família toda reunida, depois do Terço, partilhámos a nossa Ceia de Natal, com o bacalhau que nos deram e as nossas couves e batatas. Foi um momento feliz!

VIDA ESPIRITUAL — Na véspera de Natal, de manhã, foi celebrado o Sacramento da Reconciliação, na nossa Capela, com os senhores Padres Rolando e Saúl.

Pelas 23h00, celebrámos a Missa da Noite de Natal, na nossa Capela, bem cheia. Estiveram, junto ao Altar, os 6 Rapazes novos. No final, beijámos o nosso menino João!

No dia de Natal, também, houve Eucaristia, pelas 10h00, para celebrar o nascimento de Jesus!

INÍCIO DE 2009 — No último dia de 2008, partilhámos a ceia, com os Rapazes que ficaram.

No dia 1 de Janeiro, celebrámos a Eucaristia, pelas 10h00. O almoço contou com alguns antigos gaiatos.

AGRADECIMENTOS — Vários Amigos, pessoalmente ou por carta, trouxeram-nos as suas partilhas, apesar das dificuldades. Vivemos da sua ajuda e do nosso trabalho. As despesas têm que ser pagas a tempo. Retribuímos, a todos, os votos de boas festas de feliz Natal e ano novo, que desejamos em paz!

Alunos do Alternativo

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO NORTE

JANTAR DE NATAL — Tal como noticiado decorreu no dia 13 de Dezembro, na cidade de Penafiel, o nosso primeiro jantar de Natal, destinado aos associados e suas famílias. Marcaram presença cerca de 60 pessoas, das quais alguns gaiatos fundadores da Casa do Gaiato de Paço de

Sousa, assim como gaiatos já com netos, o que criou um ambiente verdadeiramente familiar. O Director da Obra da Rua, Padre João, presidiu ao jantar tendo dirigido algumas palavras sobre o significado da Família, da união fraternal, e que a Família só o é na verdadeira acepção da palavra com a presença de todos, por isso incentivou-nos a continuar a fazer crescer a Associação, trazendo para o seu seio todos os gaiatos espalhados pelos quatro cantos do mundo.

Houve ainda troca de prendas entre todos, com animação musical do nosso presidente Miguel acompanhado da Sofia Miguel no saxofone, culminando com um pé de dança e muita alegria. Um agradecimento especial ao Park Hotel pela amabilidade dispensada para a realização do jantar.

CABAZ DE NATAL — foram distribuídos cerca de 50 cabazes de natal às famílias dos nossos associados e a gaiatos carenciados. O cabaz foi composto com produtos oferecidos pelo Intermarché de Paredes, E-leclerc de Lousada, Banco alimentar contra a fome e Eng. José Rocha, aos quais, desde já, agradecemos.

PASSAGEM DE ANO — A Associação organizou a passagem de ano de 2008 e a entrada no novo ano nas instalações da sede da Junta de Freguesia de Paço de Sousa. Como de costume, a animação musical esteve a cargo do Miguel, com a ajuda e participação de todos os presentes nas danças e cantares ao desafio. Que o novo ano venha cheio de esperanças e o nosso principal desejo é que se consiga a paz no mundo, pois a guerra e o ódio são os maiores males do mundo.

SÓCIOS — Estamos a proceder à refiliação dos sócios em virtude da legalização jurídica dos estatutos da Associação. A cota é de 0,50 cêntimos por mês; por isso, pensamos que é acessível a todos. Se quiseres ser sócio, vem à sede ou contacta-nos pelos números 912 163 659 ou 917 414 417.

SEDE — A nossa sede está cada vez mais bonita. Agradecemos a ajuda e a paciência que o Padre João tem tido, pois só assim, poderemos ter melhores condições. Agradecemos à Câmara Municipal de Penafiel a oferta de um computador e algum mobiliário. Vamos continuar a bater à porta dos nossos amigos, para a decoração da sede e assim poderemos receber condignamente todos os gaiatos que queiram visitar-nos.

Maurício Mendes

Uma carta

«É sempre com certa emoção e alegria que mais uma vez, na grande Festa, desde há muitos anos, vos dou um lugar especial entre os gaiatos.»



BENGUELA

São precisos corações dedicados

ESTOU a escrever-vos tocado pela memória do Santíssimo Nome de Jesus. Foi celebrada ontem. Mergulho autêntico no oceano de amor evangélico, no coração de Pai Américo. Há 69 anos, quando nasceu a primeira Casa do Gaiato, em Miranda do Corvo, o Santíssimo Nome de Jesus foi escolhido como Padroeiro da Obra da Rua. A mensagem colhida da cena do encontro de Pedro e João, à porta da entrada do Templo, com o parálítico a pedir esmola, estava muito viva. Os dois apóstolos não tinham ouro nem prata para dar ao homem pobre que lhes estendia a sua mão. Outro valor maior enchia-lhes o coração: "Em Nome de Jesus de Nazaré levanta-te e caminha" E assim aconteceu. O parálítico levantou-se e pôs-se a caminhar.

Pai Américo adериu de tal modo a esta mensagem que se deixou transformar por ela. Pela força do Santíssimo Nome de Jesus a sua voz penetrava nos corações das pessoas para deixar rastros indeléveis. Multidões de caídos levantaram-se para caminhar. Outras forças escondidas e abafadas nos corações saltaram para a luz do dia e muitos milagres aconteceram. Falam as Casas do Gaiato. Fala o Calvário dos doentes incuráveis. Fala o Património dos Pobres. Fala a multidão dos anónimos. E falam as consciências que se deixaram transformar pela mensagem da sua palavra e dos seus escritos. O jornal O GAIATO quer ser o mensageiro humilde de todo o bem realizado pela força e pela luz inspiradora do Santíssimo Nome de Jesus.

Aqui, é o tempo do calor. A nossa carrinha, há pouco tempo, levou um grupo dos mais pequenos para uma semana de praia. O nosso José Luís, volun-

tário heróico ao serviço destes filhos, acompanhou-os com o interesse e o carinho dum verdadeiro pai. Que maravilha! Ocupamos uma casa emprestada por um coração muito dedicado à Casa do Gaiato. Outros grupos terão a mesma felicidade, ao longo deste mês de Janeiro. A propósito, temos pensado em conseguir uma casa própria, mas faltam-nos os meios necessários. Ficamos à espera até que a hora chegue. Vemos, à nossa volta, tantas, tantas necessidades que as colocamos em primeiro lugar.

Estamos a preparar o berço para acolher mais filhos sem família. Queremos que sejam nossos. Há pessoas que batem à nossa porta à busca de solução para os problemas dos seus filhos. Não pode ser. Sabemos que há uma degradação muito grande, a nível social. As crianças são, no geral, as vítimas inocentes. Há que fazer um esforço prioritário para salvaguardar a família. É a célula da sociedade que será tanto mais saudável quanto mais sã for a família. Senti-me feliz, há dias, no meio dum grupo de famílias unidas e dispostas a manter a fidelidade mútua, com os filhinhos ao colo das mães. Que beleza!

Vamos continuar a ajudar as mulheres com os seus filhos ao colo ou agarrados às suas mãos. Muitas delas foram deixadas pelos homens que os geraram também. Não queremos que fiquem abandonados, na rua. Queremos prevenir as rupturas afectivas mais graves na história ainda tão curta destas crianças! São precisos corações dedicados que lhes dêem vida para que não morram na desgraça. Vivemos na esperança!

Padre Manuel António

Pão de Vida

Continuação da página 1

O lume a arder, com o seu efeito visual, é uma sedução real, de beleza, que reúne os membros desta Família, em dias curtos, quando o Sol se esconde, veloz, para lá das serras onde escore mance o Mondego.

Todos os dias, o lume é aceso, por friquentos, espontâneos; e a fogueira fica a crepitar pela noite dentro, até ficar, na solidão, quando os Rapazes a abandonam, custosamente.

Em Nazaré, onde Jesus cresceu, na família, encontrava-se a identidade: «Não é Ele o carpinteiro, filho de Maria» (Mc 6,3)? Honrou-a; contudo, como Profeta, alargou-a a todos os povos da Terra, para reunir os que fizeram a vontade de Deus.

Na nossa memória cultural, ainda há quem guarde vivos os momentos em que famílias numerosas seranzavam ao brasido das lareiras, fiando linho, contando histórias e passando as contas.

É certo que o Senhor é quem nos conduz.

Vai nesta, a expressão dos meus votos de santas Festas natalícias com a bênção do Menino Deus para os corajosos Padres da Rua que não devem deixar de honrar e seguir o bom Pai Américo que certamente do Céu vos guia.

Assinante 21374».

Essa vida familiar era uma escola cristã. Nela se aqueceu o Padre Américo, na sua infância: «O lume da lareira é a escola de todos os tempos; a escola da verdade, onde se criam e alimentam as almas sin-ceras».

Mais tarde, ao cabo de 10 anos de Padre, ao serviço dos Pobres, em Coimbra, escolheu o pino do Inverno, a 7 de Janeiro de 1940, com chuva a potes, para acolher

três garotos, numa casa própria, em Miranda do Corvo, porque alguns Rapazes, desamparados e com fome, lhe pediam para ficar mais tempo nas Colónias de Férias. Esta Casa já acolheu mais de um milhar de filhos, de danos familiares.

Do Oriente, vieram sábios adorar o Menino Jesus. Neste tempo, vários Amigos, dos pontos cardeais, chegaram para ver e tocar no João, coberto de beijos na noite de Natal.

Na nossa lareira, vai para 70 anos que há lume novo!

Padre Manuel Mendes

Toda a prioridade às crianças

Continuação da página 1

de todos e de cada um. Carentes são as crianças que nos chegam, mas se descurarmos um trabalho discreto e, tanto quanto possível «em rede», o acolhimento fica incompleto e mesmo truncado porque a tendência dominante é a do «regresso» às raízes familiares. Neste início de ano novo, de perspectivas difíceis, dificuldades sociais fica para nós este desafio que a Nota Pastoral tanto sublinha: «Quando falha o lugar essencial da família no desenvolvimento da pessoa humana, a sociedade é chamada a socorrer e amparar a missão das famílias. Em muitos casos, vê-se obrigada, dada a insistente incapacidade e situação de perigo, a encontrar instituições alternativas. Nelas procura manter características similares à família: no ambiente, carinho, disciplina e demais atitudes educativas, recomendadas pela visão actual das ciências humanas.»

Padre João

DOCTRINA



Igrejas e refeitórios

O «Alviela» permuta com O GAIATO. Ambos são quinzenários dirigidos por padres.

No último número vem uma coisa que muito gostei de ver. É a notícia da criação de um refeitório aonde já comem trinta e quatro pessoas que, sem ele, ficariam muitas vezes sem comer. O jornal fala do entusiasmo pela sua inauguração. Eu, aqui de longe, também. E acrescento que, se ele há gente que não tenha caldo em sua casa, por pobre, que o tenha sempre à porta das igrejas.

OS sócios benfeitores são em grande número e muito eloquentes. O jornal diz que, «além dos já publicados, temos mais os seguintes». Verifiquei nomes e quantias. Setenta senhores respondem com dez mil escudos, a passar. Isto em metal, que os géneros sobrescritos levam aquela soma muito mais além.

SENDO este quinzenal, como é, o boletim paroquial da freguesia, certo é que o pároco é indubitavelmente a alma do refeitório. É uma obra paroquial. Se no concelho houver gente que não conheça a Igreja, vê necessariamente a obra por meio dela, a seu tempo, entrará na Igreja. Hoje, como sempre, a Igreja conquista dando de comer a quem tem fome. Patronatos, Asilos, Creches, Hospitais, Orfanatos, Gafarias — tudo isto teve a sua origem no seio da Igreja. São obras d'Ela. Assim o exige o composto misterioso do ser humano — corpo e alma.

QUANDO, de uma vez, o Mestre houve de dar a definição do primeiro Mandamento, foi buscar o Espoletado que alguém encontrou na estrada, ergueu do chão com muita dor, pôs remédio, deu de comer. É o Mestre a falar. O próprio Fundador da Sua Igreja a dar directrizes. De sorte que, as obras sociais são o complemento directo da Doutrina de Jesus. São a aplicação do Evangelho. De nós se pode dizer, se as não realizarmos, o que outrora dizia ao Mestre, ao falar dos grandes: — «Dizem mas não fazem».

SABEMOS que nem todas as freguesias estão em condições de ter o seu refeitório à porta da matriz. Outras existem aonde essa necessidade não se verifica. Mas a verdade é que a multidão dos indiferentes e descrentes olha para estas obras de qualquer distância, fecha os olhos, medita e começa a ter dúvidas se sim ou não Deus existe. É por meio delas que damos testemunho de Cristo. Elas são maravilhosamente revolucionárias. Tomemos o caso de Alcanena. Número de subscritores. Quantias e quantidades subscritas. Fama. Opinião. Alegria. E trinta e quatro Irmãos nossos a comer caldo bem feito, que doutra maneira não sabiam eles, nem nós, se na verdade o comeriam. E isto tudo é a sequência do Evangelho. O prolongamento da homilia do pároco, à estação da Missa. No altar diz. No refeitório faz. Resultado? O Povo acredita.

TODA a gente sabe que esta não é a principal missão da Igreja. Jesus Cristo é o Redentor das almas. Faz dos Seus discípulos pescadores de almas. «De que vale ao homem ganhar o mundo inteiro se no fim de tudo perde a sua alma?!» Eis a missão. Mas a ponte por onde se chega às almas é o corpo. São as obras de misericórdia corporais. Por muito pregar e inculcar somente as espirituais, podemos comprometer o pensamento de Jesus e impedir a expansão do Evangelho. Este clamor vem das próprias alas dos nossos melhores e mais sinceros colaboradores.

NÓS recebemos dezenas de cartas de senhores de todas as categorias, filiados na Acção Católica, aonde se queixam amargamente da ausência da acção social. «Ai como tantos párocos de freguesias de grande rendimento podiam fazer grande apostolado com obras sociais!» Queixam-se com pena. Queixam-se por serem de casa. São filhos da Santa Madre Igreja. Eles desejariam ver a Mãe ocupada a dar de comer. A dar de vestir. A olhar pelos doentes. A manifestar activamente e eficazmente o seu grande amor. Amor de Mãe!

MAS aonde as receitas para alimentar as nossas obras sociais — aonde? Encontram-se na experiência e na Promessa. A receita das nossas obras é a despesa que se faz com elas. Quanto mais gastarmos bem, maior o rendimento que temos. O pároco de Alcanena já deu com o segredo. Como ele, muitos outros. Pois é necessário que sejam todos.

D. António

[Do livro Doutrina, 1.º vol.]

Cantinho dos Rapazes

NO último dia de 2008 tive uma visita não esperada embora não surpreendente porque frequentemente repetida. Ele vinha saber a minha opinião sobre caminhos, esses sim surpreendentes, que se lhe abrem para uma realização porventura mais próspera, mas que podem afectar a estabilidade feliz em que tem vivido na companhia da sua mulher e dos filhos.

Os nossos encontros são sempre enriquecedores para mim, mesmo que ele não traga interrogações tão importantes. E fazem-me pensar no porquê de este e de vários outros, graças a Deus, homens de boa cabeça virem partilhar connosco a sua perplexidade acerca de opções sobre o futuro, quando muitos mais assumem sozinho os passos que era de prever e se revelam falsos e vêm depois prantear o erro e procurar apoios que remedeiem. Exactamente, é o bom senso e a confiança que se foi solidificando ao longo do tempo, que fazem a diferença entre uns e outros. Em ambos os casos se afirma a Família que somos. Mas são inconfundíveis a felicidade e a força que os primeiros nos dão e a angústia que os segundos nos deixam. Porquê?, se todos tiveram iguais oportunidades! É certo que esta diversidade se encontra também nas Famílias de sangue, até em algumas que funcionam perfeitamente. Como não havia de acontecer na Nossa que é manta de retalhos rasgados de tantas outras que de família só conservam o nome?! E no entanto, o *fariseísmo do sangue* anda por aí a fazer leis... Antes se empregassem com realismo e ânsia de verdade em defender a Instituição Familiar que, queiram ou não, por Natureza é o fundamento de toda a grande sociedade humana.

Ora o meu Visitante das derradeiras horas do ano, em tempos de desemprego e ele com trabalho que o traz satisfeito, é procurado com propostas que os proponentes supõem de promoção — porquê, se não pelas qualidades que nele descobrem e o constituem um homem a sério?! É esta mais-valia de um carácter que inspira confiança pela sua lealdade, pelo seu espírito empreendedor, pela sua eficiência no trabalho, pela sua disponibilidade — é isto que ele não mostra por exibição mas simplesmente porque é assim mesmo, porque é esse o seu perfil verdadeiro; é isto que o faz notado e desejado para colaborador de empreendimento interessante.

É isto que Pai Américo sintetizava como seu grande objectivo para as Casas do Gaiato: «Fazer de cada rapaz um Homem». É isto que me levou a dizer a gerações de gaiatos: «É mais fácil arranjar um emprego para um Rapaz do que um Rapaz para um emprego». E agora mesmo, em tempo de tantas dificuldades na área do Trabalho, tal constatação permanece.

Deixou-me este recado o meu Visitante: «Conforme a resolução que vier a tomar, se surgir a possibilidade de um lugar para algum dos nossos rapazes, tem-no?»

Eis uma resposta que me deixou perplexo. Está muito mais em vós dá-la do que em nós. O contexto de pobreza de Verdade, de permissividade, de massificação que o mundo oferece, também vo-la não facilita. Porém, será preciso que se acredite que é a Pessoa o valor fundamental e se viva intensamente no aproveitamento de todos os valores que para aquela concorrem: formação do Carácter, Escola e preparação Profissional. Sem este conceito e esta vivência, não sei para onde vamos.

Padre Carlos

SETÚBAL

Dar e receber

PASSADA que foi toda a azáfama das Festas natalícias, retomamos a vida comum do dia-a-dia. Foi um período cheio de actividades, de visitas de Amigos e de preocupações que cada dia nos foi dado viver.

A nossa Festa de Natal, realizada nas suas vésperas, com os nossos Amigos, especialmente os desta zona de Setúbal, preparada com um calendário muito apertado visto as férias escolares começarem em cima dessa data, concentrou a atenção de todos. A presença efectiva de Amigos, este ano, ficou aquém das nossas expectativas, sinal das múltiplas ocupações com que nesta quadra as pessoas se comprometem.

Foram no entanto muitos os que se deslocaram até nossa Casa nos dias que precederam o Natal, no próprio dia e nos que se lhe sucederam. São presenças amigas que se repetem ano após ano, e nos falam do carinho e do estímulo que nos trazem e que também de nós levam.

Muitos outros chegaram por carta, por telefone e por outros meios que a vida moderna põe

à disposição das pessoas e das organizações.

Também muitos Pobres vieram até nós, carentes dos bens necessários para satisfazer as suas necessidades mais elementares. Outros fomos nós visitá-los, e levar-lhes a nossa presença fraterna e um alento para as suas vidas. Como aquela família em que o casal perdeu o emprego e os meios para continuar a pagar a sua casa e a criar os seus filhos...

É no dar e receber que se desenvolve a vida humana, e é este um negócio de vida para que todos a tenham. Num só sentido seria frustrante. Nós temos inata esta dupla necessidade, tanto no dar como no receber. À maneira de Deus que Se dá fazendo-Se um de nós, e que deseja receber-nos para que sejamos d'Ele.

O dar e receber de que o Natal nos fala, é o centro em que se desenvolvem as coisas importantes da vida. Que as múltiplas ocupações a que a vida actual convida e exige, não desviem do rumo que a vida humana deve ter para que seja mais autêntica.

Padre Júlio

Património dos Pobres

ANDAR pelos Pobres neste tempo natalício magoa-me, faz-me sofrer e tenho de ter cuidado para impedir secretamente uma revolta instintiva que se me aflora e entristece... A gente tem de fingir que a alma não nos dói, para não ferirmos pessoas, a quem confiamos o cuidado com as coisas dos Pobres, encontrando, inesperadamente, tão pouca devoção.

Quem ama, dói-se. Mexe-se; não adia.

A dor é o fundamento de toda a acção e de todo o apostolado.

Com dor pelos outros, vamos a toda a parte. Empehamo-nos, mesmo financeiramente. Damos do que é nosso e pedimos desassombadamente.

A dor resolve todos os problemas. Faz-nos encontrar soluções. Indica-nos caminhos. Sem ela tudo se acomoda e o *não te rales* instala-se.

Tinha deixado dinheiro e promessas do que fosse necessário, ainda o sol queimava, esperando que a casa estivesse recuperada quando o Inverno apertasse.

Cheio de sonho, à espera de gozar o conforto daquela família em sua casa, dirigi-me para o centro do País, logo no dia a seguir ao Natal, com o livro de cheques na pasta, para o que desse e viesse, na expectativa de me inundar da luz concreta e real da Doce Natividade.

Pura ilusão!... Ao chegar à sede do concelho e freguesia, orientei-me logo para o lugarejo, onde se situava a almejada casinha.

Era meia tarde de um dia chuvoso e frio. Tudo convidava ao acolhimento caseiro!...

Batemos à porta. Chamamos. Ninguém. Mas, para onde estará esta gente com tempo tão agreste?

A angústia tomou, dentro de mim, o lugar do sonho e da expectativa.

Voltamos pelas sete e tal da tarde. Era noite fechada. A chuva e o nevoeiro davam densidade à escuridão que também me invadia a alma, apesar das luzes fortes do veículo que me transportava.

De novo junto da casinha. Portas fechadas, luzes apa-

gadas; nem viv'alma! Vim a saber, então, que a moradia não tinha ainda as canalizações feitas!

Hoje, mesmo na aldeia, não se pode viver, sem casa de banho.

Como foi possível deixar-se passar tanto tempo? — Falou ali a dor!...

Onde é que aquela gente passou o Natal, o Ano Novo e as outras noites tão frias? Não foi em vivenda de nenhum rico nem sequer em casa decente, mas no abrigo de algum Pobre. Disso tenho a certeza.

Deixei mais 2.500 euros e a minha mágoa.

Com aquela família vigarizada e roubada pelo construtor civil, a viver num barracão dividido, mas sem reboco nas paredes, nem chão, de que falei no penúltimo jornal, e a quem prometi pagar os materiais para dar o mínimo conforto à habitação, se não é a interferência da assinante d'O GAIATO 31211 estaria ainda tudo parado!...

Ela, é que não sossegou. Doia-lhe. A dor é o grande móbil. Agarrou o telefone. Falou comigo, com a mãe de família, com o Pároco e, em poucos minutos, fiquei a saber que o material importava em 3.100 euros, fora as janelas e persianas para os quartos, passei o cheque com a importância referida e enviei-o ao responsável.

Ele há situações de habitabilidade, sobre as quais é urgente agir, sob pena de pecado.

A história do samaritano revive-se continuamente. Aquele encontrou o homem maltratado, doeu-se, encheu-se de compaixão, aproximou-se e resolveu, comprometendo-se.

Se há uma família numa paróquia, a viver desumamente, a comunidade eucarística não pode adiar por muito tempo, a solução do caso, sob pena de ser infiel ao próprio Senhor que a congrega.

Doutrina do Evangelho, lembrada pelo Concílio pregada por Pai Américo e continuamente realizada pela Obra da Rua.

Esta assinante bebe n'O GAIATO uma sabedoria irre-

PENSAMENTO

Eis a verdadeira doutrina. O que vale são as brasas a queimar as mãos. Estas brasas são o bem que se faz a quem nos faz mal. Brasas incandescentes. Fogo!

PAI AMÉRICO

quieta, inconformada e activa, de acordo com a Vontade de Deus!

Passei também por aquela família das faldas do Carimulo a quem construímos uma casa de banho completa e tenho dado mais ajudas. Vi com os meus olhos a incapacidade da dona da casa, de pôr ordem e asseio na sua morada. Ela não tem queda nem jeito para arrumar.

O viver para o mínimo indispensável, afogada em aflições a vida inteira, a falta de preparação e de convívio com gente mais evoluída, favoreceu também esta incompetência.

Pedi a um casal gaiato a quem ajudara igualmente na reabilitação da sua casa, próxima daquela, e me veio manifestar, de novo, agradecimento:

— *Devemos todos graças a Deus* — disse — *mas se me quiserdes retribuir, ide os dois, amanhã, ensinar e pôr em ordem a casa da vossa vizinha que ela não sabe nem é capaz. Isso será a melhor maneira de me agradecerem.*

É tão triste, nesta quadra, ver tal desarrumação numa casa com crianças!

Ai, Conferências Vicentinas!... Ai, Grupos Caritas!... Ai, qualquer gente que deseje comungar com o Senhor — e tirá-LO daquela desordem!...

A direcção postal do Património dos Pobres:

Lar do Gaiato
Trv.º Padre Américo
3000-313 Coimbra.

Padre Acílio